

SEM PÔR OBSTÁCULOS A DEUS

***Relação e Mensagem do CG ao XVII Capítulo Geral
Missionários Combonianos***

2009

**Ajudemo-nos mutuamente:
haja um único voto, um único fim, um único empenho
por parte de todos aqueles que amam Jesus Cristo
(Daniel Comboni – E 2182)**

Relação do CG ao XVII Capítulo Geral

ESQUEMA

INTRODUÇÃO

Agradecendo a Deus
Agradecendo a todos

I – O ESPÍRITO DO CAPÍTULO GERAL

Quarenta anos depois

II – TUDO PELA MISSÃO

CAMINHO COM CRISTO MISSIONÁRIO

CAMINHO COM COMBONI

CAMINHO COM O INSTITUTO

III – EM DIRECÇÃO AO FUTURO DE DEUS

CAMINHO DE REFUNDAÇÃO

CAMINHO DE REQUALIFICAÇÃO

- *Conselhos evangélicos*
- *Vida comunitária*
- *Autenticidade*
- *Credibilidade*

CAMINHO DE REPROGRAMAÇÃO

CAMINHO DE FIDELIDADE

IV – VIDA E MISSÃO COMBONIANA

A – PESSOAS E PESSOAL

- *Pessoal e empenhos*
- *Irmãos*
- *Confrades idosos e doentes*
- *Os ex-Combonianos*
- *Leigos*
- *A mulher missionária*

B – SECTORES DE ACÇÃO MISSIONÁRIA

- *Formação Permanente*
- *Formação de Base*
- *Animação missionária*

- *Comunhão de bens*
- *Governo do Instituto*

C – ASPECTOS DE EMPENHO MISSIONÁRIO

- *Partilhar a sorte*
- *África em diáspora*
- *Justiça e paz*
- *Islão*
- *Igrejas locais*

CONCLUSÃO

Esperar e agradecer

SEM PÔR OBSTÁCULOS A DEUS

Relação do CG ao Capítulo Geral Missionários Combonianos

*“Vós não tendes apenas um história gloriosa
para recordar e narrar,
mas uma grande história a construir!
Olhai o futuro, para o qual o Espírito vos projecta,
a fim de realizar convosco ainda grandes coisas”
(Vita Consecrata, 110)*

1. Há quarenta e cinco anos, no Congo, eram assassinados quatro confrades. Foram dos primeiros da lista dos 26 mártires combonianos. Morreram quase como comunidade em tempos trágicos nos quais a África se defronta entre independência e revoltas. No mesmo ano foram expulsos em massa os nossos confrades, juntamente com as missionárias combonianas. Foi um momento de provação para toda a família comboniana. Graças a Deus, o Instituto sai desse “*vale obscuro*” reconfirmado na sua fé e vocação. Recordando estes acontecimentos, pensamos naquela pergunta de fé de São Daniel Comboni: “*Então, por que motivo o mais pequeno e insignificante dos institutos, como é o microscópico que fundei em Verona, pôde consolidar o apostolado da África Central e a seguir alargá-lo, o que não conseguiram fazer os meus antecessores?*” (E 5284).

A resposta chega ainda do coração de Comboni, quando repete uma antifona: “*a obra que tenho entre as mãos é de Deus*” (E 3615).

2. No início deste Capítulo somos convidados, então, a agradecer a Deus por ter amado esta família de Comboni e por nos ter chamado a ser Combonianos.

Agradecemos a Deus por todos os confrades que imitaram a santidade de Daniel Comboni e enriqueceram e transformaram este Instituto em graça e bênção para a Igreja missionária.

Agradecemos a Deus pelos nossos idosos e doentes que são para nós monumentos à generosidade e doação. São o sinal e o símbolo da missão vivida e amada.

Agradecemos aos nossos pais e às nossas famílias, que acreditaram na nossa vocação e estiveram sempre em missão connosco.

Agradecemos a Deus pelas novas vocações, sinal que Deus crê neste *Seu* Instituto. Um agradecimento a todos os conselhos provinciais e de delegação e a toda a Direcção Geral. Aquele bem que pudemos fazer, fizemo-lo juntos.

3. E, juntos, agradecemos a quantos nos ajudaram a anunciar o Evangelho de Cristo. Cada um de nós, pensando nos seus confrades e colaboradores, pode repetir as palavras de Paulo: “*Dou graças ao meu Deus, sempre, em toda a minha oração por vós. É uma oração que faço com alegria, por causa da vossa participação no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora*” (Fil 1, 3-5).

I – O ESPÍRITO DO CAPÍTULO GERAL

“O passado é sempre uma escola para o futuro”
(E 1709)

4. Dissemo-lo e repetimo-lo: o Capítulo Geral (CG) não é apenas um acontecimento do Instituto, mas é, sobretudo, um acontecimento eclesial. Para um Instituto cada Capítulo Geral é uma ocasião privilegiada para assumir uma nova consciência dos seus laços com a Igreja, da qual executa uma parte da missão, e com o mundo, ao qual é enviado por Cristo.

5. O Capítulo Geral é missão; é amar e fazer missão. Temos toda a confiança e esperança que este Capítulo se torne graça e bênção para “*remover a terra e produzir novos frutos*”.

O Capítulo Geral chama-nos a correr o risco da fé para caminhar pelas vias inéditas do Espírito. E será certamente um Pentecostes se, entre diversas posições e visões, permitirmos à sabedoria do Espírito fazer todas as coisas segundo o querer de Deus e para o bem da missão comboniana. Deixemos portanto que o Espírito nos remova e nos mova, nos ilumine e nos impulse.

6. Olhamos para este Capítulo Geral ordinário especial com olhos de fé e recordamos o que disse o CG de 2003: “*É chegado o momento de fazer opções corajosas e coerentes quer com o carisma original quer com as exigências da situação histórica concreta, e expressas em novos projectos de evangelização nas situações hodiernas*” (VC 73 em DC '03, 28.1).

7. Desejamos apresentar a nossa relação unida à dos secretários gerais. O Conselho Geral limita-se a expor pontos de reflexão e de avaliação, além de sublinhar princípios e temas gerais de vida missionária comboniana, que devem guiar o Instituto.

Quarenta anos depois (1969-2009)

8. Queremos celebrar o nosso Capítulo geral ordinário especial 40 anos depois de um outro Capítulo especial, o de 1969. O Capítulo de 1969 foi um momento de graça causado também pelas renovações queridas pelo Concílio Vaticano II. Certamente o Instituto saiu dele requalificado, mais missionário e mais comboniano.

9. Estes quarenta anos foram um caminho de graça missionária e Deus abençoou o Instituto com copiosos frutos apostólicos e acompanhou-o na missão enriquecendo-o com vocações e confrades provenientes dos quatro Continentes. Após 40 anos o Instituto tem uma nova identidade, mudou o rosto e regenerou-se. Deus fez-nos caminhar segundo a sua vontade e segundo o sonho de Comboni transformando-nos sempre mais num cenáculo internacional e intercontinental.

10. Nestes 40 anos Propaganda Fide mostrou-nos confiança e estima pedindo a colaboração do Instituto e chamando ao episcopado um bom número de confrades; neste momento os bispos são 17. Deus, sobretudo, abençoou a família comboniana com a reunificação dos dois Institutos, com a beatificação e canonização de São Daniel Comboni.

11. A canonização de Daniel Comboni renovou em todos “a chamada a *regenerar* a paixão pelo nosso carisma comum; chamada que nos impele a uma vida consagrada mais autêntica, a uma espiritualidade mais sólida e a uma fidelidade à missão mais profética” (cf. Conselhos Gerais Combonianos, 15 de Março de 2003).

12. Não escondemos a tristeza pelo número de confrades que deixaram o Instituto e a vida missionária. Neste sexénio, são cerca de 220 os que nos deixaram. Certamente nem todas as saídas foram um prejuízo para a missão, ao passo que com outras o Instituto perdeu verdadeiras riquezas.

II – TUDO PELA MISSÃO

“O Sudão deu-me a vida,
a Igreja deu-me o episcopado,
os combonianos deram-me Deus”
(Mons. Ireneo Dud)

13. Com o espírito de Daniel Comboni, somos enviados ao mundo para testemunhar e para anunciar a Boa-Nova do Reino. A santidade e a paixão pela missão de Comboni provoca-nos e impele-nos a amar mais profundamente o dom da vocação que nos foi dado e a viver a alegria da doação total; torna-nos capazes de assumir com coragem e criatividade os desafios da missão no mundo de hoje, partilhando a força libertadora do Evangelho com os crucificados do nosso tempo (cf. DC '03, 31-35).

CAMINHO COM CRISTO MISSIONÁRIO

14. Comboni ensinou-nos que a missão nasce de Cristo. É o próprio Cristo que nos leva em missão. *“Quem descobriu Cristo – recorda-nos Bento XVI – deve conduzir outros a Ele. Uma grande alegria não se pode manter para si. É preciso transmiti-la. Em vastas partes do mundo existe hoje um estranho esquecimento de Deus. Parece que as coisas corram igualmente mesmo sem Ele. O vosso anseio primário e supremo seja testemunhar que Deus deve ser ouvido e amado com todo o coração”* (Aos religiosos, 10 de Dezembro de 2005).

15. A primeira evangelização é a nossa missão prioritária e, como missionários, não podemos deixar de falar de *“aquilo que vimos e ouvimos”* (At 4, 20). O missionário, portanto, comunica uma experiência vivida, não uma doutrina. Com uma vida espiritual insuficiente, o evangelho da missão permanece ferido.

Disciplinado e missão são duas faces da mesma medalha: quando o discípulo se enamorou de Cristo, não pode deixar de o anunciar (cf. Aparecida n. 146). Ser de Cristo é *“participar da sua missão”*.

16. A evangelização *ad gentes* requer duas tarefas: anunciar Cristo a todos os povos e rejuvenescer as comunidades de onde partiram. Por isso os missionários devem sempre ir e voltar e devem saber que o voltar é importante como o ir. O saber voltar e animar a Igreja de onde se partiu, fá-la tornar-se mais missionária, é fazer missão de qualidade. São Daniel Comboni permanece o nosso modelo ideal também no saber voltar: ele voltava com paixão missionária para animar as Igrejas na Europa em vista e por amor da sua África.

17. Convictos de que a missão esteja estreitamente ligada ao *“caminho do Espírito”* (E 2712), procurámos atingir as metas propostas pelo Capítulo de 2003 (CG '03). Isto é:

- animar as províncias/delegações no seu caminho de Formação Permanente (FP) para um contínuo crescimento no caminho espiritual, como *conditio sine qua non* para a evangelização;
- promover cursos de FP sobre a espiritualidade comboniana (cf. *Actuação do XVI Capítulo Geral 2003 – Actuação CG '03, 2.3.1*).

CAMINHO COM COMBONI

18. Neste sexénio Comboni foi o nosso mestre de vida missionária, em cuja espiritualidade nos impregnámos como filhos e discípulos. Não perdemos ocasiões de apresentar a espiritualidade de São Daniel Comboni (Actuação CG '03,2.2.1).

O espírito comboniano é sobretudo o *espírito de Daniel Comboni*. Afastar-se do Fundador significa empalidecer a identidade carismática, enfraquecer os laços com o espírito e correr o risco de não ter mais nada a dizer ou a dar à Igreja missionária.

19. Seguimos Comboni como Fundador, que nos sugere o caminho da fidelidade. Seguimo-lo como Pai que nos indica os passos e o *seu modo específico de seguir Cristo* (RV 1) e como missionário e Santo que nos ensina a dar-mo-nos totalmente à causa missionária *pela qual falou, trabalhou e morreu* (RV 2). Ouvimo-lo como mestre de evangelização que nos diversos modos nos ensinou que a missão é sobretudo estar no meio da gente sempre (E 4158), até se apaixonar pelo povo que servimos. Comboni, de facto, viveu apaixonado pela África, sua amante (E 6752).

20. Comboni também nos indicou o estilo da verdadeira missionaridade. É o estilo da encarnação, do partilhar a sorte (E 3159) que requer aquela humildade e silêncio da semente que morre e germina desde de dentro. A tarefa do missionário é lançar a semente, não plantar árvores! A virtude do agricultor que semeia é a paciência dos tempos longos (cf. Tg 5, 7-10). Paradoxalmente, a missão pode bloquear-se também por demasiada generosidade: uma generosidade impaciente, que esconde a subtil arrogância de se substituir aos tempos de Deus.

CAMINHO COM O INSTITUTO

21. Caminhámos juntos para a missão com o processo da Ratio Missionis (RM). Não obstante as dificuldades e resistências podemos dizer que a colheita foi boa. O objectivo que o Conselho Geral se propunha era de reabrir o livro da missão comboniana; passar do “*tudo é missão*” a “*a missão é tudo*”; reinvestir tudo na evangelização e valorizar o bonum e a graça presente em cada circunscrição e no Instituto.

A RM ensinou-nos também que o missionário é influente na medida em que é obediente a Cristo que o envia. Certamente não é olhando aos homens que compreendemos qual missão a fazer, como fazer missão, mas olhando a Cristo (cf. Ripartire da Cristo 22; NMI 24-26; 29). As províncias que se empenharam mais falam da RM como uma graça e bênção.

22. Como resposta aos objectivos propostos pelo CG '03, podemos afirmar que o processo da RM criou uma nova comunhão no Instituto a nível provincial/de delegação e continental. A RM renovou o nosso entusiasmo em seguir Comboni, homem de paixão pela missão, em procurar criatividade e modos novos de ser missionários *ad gentes* na realidade hodierna e em avaliar os nossos empenhos e metodologia em linha com as prioridades do nosso carisma (cf. Actuação CG '03, 2.3.2).

III – EM DIRECÇÃO AO FUTURO DE DEUS

“A missão é o meu paraíso.
Sou feliz e agradeço a Deus,
ao Instituto e a todos os confrades”
(P. Fulvio Cristoforetti)

23. O futuro depende da memória do nosso passado, do nosso presente operoso e do empenho de participar juntos na aventura missionária à qual Deus nos chamou. O futuro depende de quanto queremos ser missionários *juntos*. O futuro depende também e sobretudo de uma espiritualidade comboniana vivida, da qual nasce e recebe força o nosso fazer missão.

CAMINHO DE REFUNDAÇÃO

24. Hoje fala-se de refundação da vida consagrada. A expressão é válida, se com ela se quer exprimir a necessidade de reconduzi-la ao seu fundamento, que não é senão o Senhor Jesus: “De facto ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto, que é Jesus Cristo” (1Cor 3,11). Este processo, além disso, pode resultar frutuoso se com ele se quer reconduzir a vida do Instituto ao fundador e a todos os confrades que o seguiram e actuaram aquilo que o mesmo São Daniel Comboni não pôde realizar. Cada fundador pode repetir com São Paulo: “*O que aprendestes e recebestes, ouvistes de mim e vistes em mim, é o que deveis praticar*” (Fil 4,9).

25. Obviamente refundar não quer dizer nem renegar o passado, nem cancelá-lo para se concentrar unicamente no presente e no futuro. O refundar real e autêntico contempla duas forças diversas: a continuidade na tradição, ou seja o regresso às próprias raízes, e a novidade do Instituto, ou seja a *res novae* do Espírito. Qualquer dinamismo de refundação, de inovação ou regeneração tem a sua força motriz no património de experiências acumuladas no decurso dos anos e na coragem de saber ousar, lançando-se no mistério do futuro.

26. O fim principal do refundar é fazer aquilo que Comboni faria hoje em fidelidade ao Espírito Santo: tornar sempre novo e relevante o carisma missionário dele herdado e transmiti-lo às novas gerações de combonianos que o levarão por diante nos anos. Quer dizer descobrir criticamente qual é o nosso específico, isto é, distinguir os aspectos que são absolutamente irrenunciáveis da vida comboniana do que pelo contrário não o são.

27. Somos chamados a refundar não obstante as incertezas do futuro. A diminuição numérica, a ausência de vocações, o envelhecimento podem criar falta de perspectivas, necessidades de pesados redimensionamentos, procura de novos equilíbrios. A isso somam-se por vezes escassa vitalidade, fragilidades vocacionais, dolorosos abandonos. Em tais condições poderia ser árduo encontrar uma estratégia de esperança que abra horizontes, ofereça caminhos e assegure a liderança. A esperança tem de ser posta em Deus que crê no Instituto e em nós que acreditamos na missão de Comboni pela qual estamos dispostos à conversão e à mudança. Temos a esperança de que este Capítulo se transforme num Pentecostes comboniano: que o Espírito nos sacuda e nos lance segundo os seus desígnios e vontade.

CAMINHO DE REQUALIFICAÇÃO

28. “*Senhor, a quem iremos?*” pergunta Pedro, sabendo bem que não tinha outra alternativa. Também nós, mais do que nunca, não temos outra escolha senão a radicalidade na *sequela* de Cristo, aquela radicalidade abraçada e amada por Comboni: “*Meu caro reitor, não desanime perante nenhuma dificuldade; as obras de Deus sempre custam sangue, dores, morte, conflitos, etc. Antes pelo contrário, pense que todos os problemas, penas, cruces são meritórios, porque se trabalha unicamente por Cristo*” (E 6660).

Conselhos evangélicos

28.1 Recordou-no-lo o Papa Bento XVI: “Face ao progredir do hedonismo, é-vos pedido o testemunho corajoso da castidade, como expressão de um coração que conhece a beleza e o preço do amor de Deus. Face à sede de dinheiro, a vossa vida sóbria e pronta para o serviço dos mais necessitados recorda que Deus é a riqueza verdadeira que não perece. Face ao individualismo e ao relativismo, a vossa vida fraterna, capaz de se deixar coordenar e, portanto, capaz de obediência, confirma que vós pondeis em Deus a vossa realização” (Aos religiosos, 10 de Dezembro de 2005). Esta sequela de Cristo será vivida segundo *as exigências específicas do serviço missionário do Instituto na Igreja como são determinadas pelas constituições* (RV 22).

Vida comunitária

28.2 Tarefa de extrema importância na nova evangelização, confiada à vida consagrada, é o testemunho da comunhão, “sinal para o mundo e força de atracção que leva à fé em Cristo” (*Christifideles laici*, n. 31). Numa época caracterizada por individualismo e personalismo, pelo regresso do nacionalismo, também o nosso Instituto, precisamente porque internacional, é enviado a anunciar, com o testemunho da própria vida, o valor da fraternidade e a missão de “manter vivo o sentido da comunhão entre os povos, as raças, as culturas” (*Vita Consecrata*, 51).

Autenticidade

28.3 A vida consagrada do futuro realizar-se-á na sua concentração sobre a sequela de Cristo servo fiel.

Não há nada de mais contraditório e incoerente do que fazer a profissão de doação total da nossa pessoa através dos conselhos evangélicos e viver depois reservando para nós as nossas energias e capacidades, vivendo em part-time a missão, cedendo à sedução do aburguesamento, permanecendo indiferentes ao drama da pobreza em que se debatem milhões de pessoas no mundo. Quem escolheu seguir Jesus, escolheu assumir o seu estilo de vida, não enriquecer, viver a bem-aventurança da pobreza e da simplicidade de coração, manter sempre familiaridade com os pobres. Mons. Giovanni Giordani escreveu no seu diário: “*Quem é pobre fala pouco dos pobres. Vive com eles*”. A disponibilidade reclama a disposição de ir para as situações mais árduas, arriscadas, difíceis e exigentes da missão.

28.4 A opção pelos mais pobres e pelas novas fronteiras, tem a sua fonte e a sua motivação mais profunda no amor de Deus. Tal opção tem também uma finalidade evangelizadora. Como indica Jesus na sinagoga de Nazaré: “O espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4, 18).

Credibilidade

28.5 Mais do que crises de identidade, existe hoje uma crise de *credibilidade*. Ao lado do impulso vital, capaz de testemunho e de doação até ao martírio, a vida comboniana conhece também “a insídia da mediocridade na vida espiritual, do aburguesamento progressivo e da mentalidade consumista”. Quando começam entre nós as comodidades ou o desafogo, começa ao mesmo tempo a decadência de um Instituto e o fracasso da missão.

A missão tem necessidade de aventurar-se com maior audácia para as fronteiras da pobreza e da evangelização.

28.6 A vida consagrada deve *ser sinal profético e credível*, ou seja, deve continuar a procura para encontrar formas de profecia e credibilidade, não apenas pessoais mas sobretudo institucionais. Deve voltar a um estilo de vida mais simples e pobre, sóbrio e essencial. Há necessidade, também, de simplificar as estruturas que, frequentemente, se tornaram um grande peso e prestam serviços, que porém nem sempre tornam presente Deus.

28.7 O caminho percorrido em direcção aos objectivos para a *requalificação* (cfr. Actuação CG '03, 3.1.2.1) foi bom. Nas nossas visitas vimos que estamos no caminho de uma boa "*requalificação*". Vimo-lo no amor à missão, às gentes; apreciámos uma boa espiritualidade e amor ao Instituto. Podemos dizer, agradecendo ao Senhor, que a missão é amada com paixão e confiança "no Deus que nos chamou e enviou a anunciar a boa-nova do Reino" (cf. DC '03, 31). Numa palavra, o caminho que estamos a percorrer torna-nos credíveis.

CAMINHO DE REPROGRAMAÇÃO

29. "*Que falta fazer?*" – pergunta-se Comboni, pensando na sua obra – "*Devemos continuar a avançar para o nosso objectivo primário*" (E 2451-52).

30. Neste momento um "*objectivo primário*" é continuar o caminho para a reprogramação do Instituto. Por demasiado ímpeto missionário é ainda forte a tentação de responder de imediato a todos os gritos, às necessidades ou solicitações, sem os avaliar à luz do nosso carisma e das nossas forças.

31. A nossa Regra de Vida é clara: "*privilegiando os mais pobres e necessitados*" nos quatro continentes, com uma atenção particular à África. A nossa especificidade (cf. DC '03, 36-38) leva-nos a:

- Renovar a atenção à África, continente carismaticamente inseparável da nossa história e considerado ainda o mais pobre e ao qual o mundo está a voltar as costas.
- Permanecer nas Américas e na Europa onde "*situações de pobreza e abandono*" nos interpelam.
- Reflectir sobre a nossa presença na Ásia, continente com o número mais alto de pessoas que não conhecem Jesus Cristo.

32. Será esta uma das grandes tarefas do Capítulo: redesenhar as nossas presenças, reprogramar os nossos territórios com aquela liberdade que não se perde em cálculos humanos mas que confia no Deus que nos chamou à sua missão no rasto de Comboni.

CAMINHO DE FIDELIDADE

33. O que vimos, sentimos e vivemos nestes seis anos, contamo-lo com serenidade. Vimos generosidade missionária, paixão comboniana e desejo de radicalidade. Ao mesmo tempo, não escondemos ter visto sinais de cansaço, de desmotivação e de fraqueza. Com tudo isso, podemos dizer que o Instituto é são porque apaixonado da missão.

34. Escolhas corajosas proféticas feitas por províncias ou confrades foram uma bela resposta àqueles sinais de mediocridade, à tendência a acomodar-se ao fácil que se sentiram no nosso Instituto.

A fidelidade à missão e o partilhar a sorte com a gente em situações de guerra, perigos e incerteza, contrapôs-se à tentação de protagonismo e assistencialismo que ainda sobrevivem na nossa actividade missionária.

O crescente desejo de profunda espiritualidade e radicalidade evangélica é maior que os sinais de fraqueza, individualismo e superficialidade na vida consagrada e comunitária.

35. Desejamos muito que este Capítulo Geral nos mostre o fermento de vida, os testemunhos de fidelidade e a riqueza missionária no Instituto. Desejamos que as nossas virtudes se transformem em generosidade apostólica e as nossas fraquezas em confiança no Deus que nos chamou a ser combonianos juntos.

IV – VIDA E MISSÃO COMBONIANA

“Tenho três amores: a missão, a Igreja, a Virgem.
E o Instituto? O Instituto é Igreja, missão e mãe”
(P. Elvio Cellana)

36. O comboniano “*faz da evangelização a razão da sua vida*” (RV 56). A dedicação total à missão é elemento constitutivo do carisma de Comboni, do Instituto e portanto de cada confrade. É uma dedicação vivida na fé e no amor, tendo sempre como modelo Jesus Cristo (cf. E 442) e Comboni, missionário de Cristo (cf. *Instrumentum laboris* '03, 51). Partindo desta realidade muitas vezes recordada, apresentamos uma panorâmica de vida comboniana como a vimos e vivemos.

A – PESSOAS E PESSOAL

“O sonho de Daniel Comboni penetrou
profundamente na minha vida e desejo vivê-lo com todas as minhas
forças em cada momento”
(Mons. Enrico Bartolucci)

Pessoal e empenhos

37. O Capítulo Geral de 2003 recorda-nos que “a realidade constatada nos pede para aceitar com fé e realismo a situação do pessoal no Instituto. A diferença entre pessoal e empenhos continua. É um facto que esta desproporção, nos próximos anos, aumentará e tornar-se-á sempre mais preocupante se não se intervier com medidas eficazes. A revisão e requalificação do pessoal e dos empenhos devem ser concretizadas segundo o fim, o estilo de vida e a metodologia do Instituto” (DC '03, 15-23; 30; 133). As nossas presenças em cada circunscrição devem ser constantemente reexaminadas, redefinidas e redesenhadas (Actuação CG '03, 6.2.3).

37.1 É válido também para nós quanto dito na Assembleia da União dos Superiores Gerais (Maio de 2008): “*Para evitar uma atitude irrealista de onnipotência, destinada contudo ao fracasso, cada Instituto deve saber escolher e empenhar-se apenas naqueles campos e iniciativas que melhor correspondem ao seu carisma originário, à sua tradição e às possibilidades realistas do número e qualidade do pessoal sobre o qual pode contar*”.

37.2 Evidenciamos também que os Superiores não só têm pouco pessoal para responder a todas as exigências da missão, como passam boa parte do seu tempo com confrades desmotivados quer a nível espiritual quer a nível missionário. Esta situação merece ser enfrentada directamente, de modo a lançar um olhar para a consistência dos alicerces que se oferecem a quantos entendem pôr-se na sequela de Cristo num estado de vida cristã que comporta o máximo da doação de si (RV 2).

37.3 Outro aspecto a recordar é que o Instituto espera maior e absoluta disponibilidade daqueles confrades que se especializaram. As suas especializações e títulos de estudo devem ser postos ao serviço da missão, sem *auto-empenhamentos* em projectos pessoais autónomos.

Irmãos

38. Comboni, muitas vezes, louva a vida dos irmãos, o seu trabalho e a sua missão específica além do estar entre a gente (E 5831).

Os 150 anos de história comboniana demonstraram que a missão feita em conjunto, entre padres e irmãos, é graça para a evangelização. Como em todos os Institutos, também entre nós o número dos irmãos diminui. Isto impele-nos a fazer todo o esforço para apresentar com criatividade a figura e o ministério do irmão comboniano na vida da missão.

38.1 Na actuação do CG '03 (2.3.3), em relação aos irmãos é-nos dito para:

- preparar irmãos para projectos de promoção humana;
- colaborar com as províncias/delegações para estudar projectos concretos, como parte do plano pastoral de evangelização;
- estudar a possibilidade de assumir, com outros Institutos, o Social Ministry de Tangaza.

Pelo que concerne o primeiro e o segundo ponto, no caminho formativo, quer a nível de postulado quer de CIF, procurou-se estar atentos ao aspecto profissional de cada irmão com um discreto resultado, a ponto de permitir uma presença significativa de irmãos em alguns projectos de promoção humana em colaboração com algumas províncias. Deve-se, todavia, continuar no esforço e no empenho.

Acerca do *Social Ministry* permanecem ainda dúvidas e pontos de interrogação que não permitem um empenho indefinido. Contudo, o *Social Ministry* é levado por diante pelo sacrifício dos Combonianos.

38.2 O Capítulo '03 (67) tinha pedido um empenho forte para a preparação dos irmãos aos votos perpétuos: desde 2005 o CG, através do secretariado da formação, programou e organizou a preparação dos irmãos à consagração definitiva: um caminho comunitário, três/quatro meses, com tempos de formação, oração, ministério missionário, exercícios espirituais ou mês inaciano.

O resultado foi positivo. Nas várias experiências participaram dezasseis irmãos.

38.3 Auguramo-nos que os irmãos, primeiros entre todos, sejam interessados e afirmativos para que a família comboniana continue segundo o desejo de Comboni e as exigências da missão.

Confrades idosos e doentes

39. O Ir. Angelo Viviani escreveu: “*Conheço a missão, vi-a na vida dos confrades idosos e doentes*”. Palavras sábias com as quais agradecemos a Deus pelos exemplos de generosidade missionária que vemos nos nossos confrades doentes e idosos.

39.1 Procurámos acompanhar as comunidades dos confrades idosos e doentes para os ajudar a viver a sua condição pessoal como momento de graça missionária (cf. Carta do CG, *Attenzione alla persona*, 37). Obviamente, o caminho é ainda longo e íngreme, sobretudo para preparar e manter estruturas aptas a responder a todas as necessidades a nível de Instituto, de continentes e províncias (cf. *Instrumentum laboris* '03, 36).

39.2 Hoje, nas sociedades ocidentais, há a tendência para afastar a doença, a velhice, o sofrimento. Em nome da eficiência e da caridade, muitas vezes privamo-nos de presenças de graça e, ao mesmo tempo, privamos os nossos idosos de um oxigénio familiar e comunitário insubstituível. Não obstante os esforços generosos, permanece o facto que alguns idosos, privados da missão ou da vida comunitária normal, se deixem abater e definhar rapidamente. Não raramente, alguns deles vêm as casas de acolhimento como a antecâmara do seu fim.

39.3 Procurámos também encorajar as províncias a prever comunidades de acolhimento e de acompanhamento respeitando, quanto possível, o desejo daqueles confrades que quisessem permanecer em terras de missão.

39.4 Obviamente, sabemos todos que o peso destas estruturas recai, sobretudo, sobre os ombros da província italiana e alemã e agradecemos aos confrades que se dedicam com generosidade e sacrifício aos nossos idosos e doentes.

39.5 Dado que o número dos confrades idosos aumenta, cresce também o dever e o empenho de todos em continuar a cuidar deste sector com particular atenção (cf. DC '91, 38.9).

39.6 É importante recordar que a história de cada missionário pertence ao Instituto e à Igreja e, por isso mesmo, recomendamos que cada confrade procure escrever e deixar em herança a experiência missionária por ele vivida.

Os ex-combonianos

40. Os ex-combonianos formam um exército de pessoas “*com coração e formação comboniana*”. Cada província tem um número consistente de pessoas formadas por combonianos. Em Itália, por exemplo, são mais de mil. Tiremos o “ex” e vejamo-los como um recurso missionário e bênção recíproca. Augurámo-nos que o contacto e a aproximação tidos neste sexénio, continuem, aumentem e se aperfeiçoem.

Leigos

41. Os leigos surgem em todos os documentos, quase que a fazer calar a consciência que nos acusa, como Instituto, de ter feito pouco. E se temos de reconhecer que não fomos muito longe, ao mesmo tempo louvamos os esforços e o empenho de várias províncias pela missão feita com os leigos. Em teoria estamos todos convictos que a missão nos pede para escancarar as portas e evangelizar com todas as forças que Deus chama e manda, mas na prática as resistências para com o mundo dos leigos não são poucas.

41.1 Devemos recordar que os leigos são portadores de competências que podem providencialmente desafiar o modelo missionário posto em acção pelo clero, pelos religiosos e pelas religiosas. É também de favorecer a experiência de famílias com vocação comboniana que partem para a missão. A família missionária leiga oferece motivos de testemunho, para além de ser bom recurso na equipa pastoral.

41.2 No espírito dos Capítulos Gerais, cada circunscrição tem o dever de favorecer a formação dos leigos locais. Em algumas províncias a experiência é positiva e eficaz.

41.3 Duas metas propostas pelo Capítulo (Actuação CG '03, 5.3.3) eram:

- Em diálogo com o comité central LMC, tentar promover dois projectos-piloto, um em África e o outro na América, nos próximos seis anos (DC '03, 126). Objectivo não alcançado.
- Convocar a quarta assembleia geral (DC '03, 126). Foi realizada em Novembro de 2006.

De assinalar que tanto a nível de províncias como a nível de Direcção Geral, as mudanças do pessoal encarregado dos leigos foram numerosas e demasiadas, com prejuízo para o acompanhamento do caminho com os LMC.

A mulher missionária

42. Comboni nutriu afecto por todos os missionários, sacerdotes, irmãos e religiosas. Nas suas cartas aprecia o trabalho, o sacrifício e a abnegação de todos. Como Fundador, vê todos como uma família que ama a África. Na história da missão comboniana, as mulheres que Comboni queria para regenerar a África, deram óptima prova de si e a sua história continua especialmente onde há abandono e sofrimento. Hoje mais do que nunca é indispensável a presença em missão das religiosas porque como mulheres completam e aperfeiçoam a acção pastoral. A colaboração,

portanto, com as combonianas e as seculares combonianas, será sempre em benefício de todos, particularmente da gente que servimos.

B – SECTORES DE ACÇÃO COMBONIANA

“Faz mal ao coração ver tanta injustiça
e saber que posso fazer tão pouco.
Estou a caminhar com uma fé que cria,
como o inverno, a primavera”
(P. Ezechiele Ramin)

Formação Permanente

43. Os conselhos gerais dos três Institutos, na vigília da canonização de São Daniel Comboni tinham escrito que “*Um olhar contínuo sobre a qualidade da nossa vida consagrada garante a autenticidade da Missão evangelizadora*” (Carta de 1 de Setembro de 2003, n. 39). A FP garante este olhar contínuo e o caminho a seguir para requalificar o próprio serviço à Missão; é graça para a Missão e é “*ser em missão*”.

43.1 Durante o nosso mandato colhemos todas as ocasiões para promover cursos e momentos de FP, convictos de que a FP permanece a prioridade sobre a qual todos – DG, provinciais, delegados, superiores locais – temos de colaborar e ajudar-nos (Actuação CG '03, 3.1.2-3).

43.2 As visitas feitas pelos membros da DG, a participação em cursos de FP, nas assembleias provinciais e continentais foram momentos de FP. Frequentemente pregámos exercícios espirituais de conteúdo comboniano. A espiritualidade missionária comboniana, por ocasião das nossas visitas, uniu-nos e reforçou-nos nas motivações do nosso serviço missionário.

Formação de Base

44. Cada confrade é um daqueles milhares de vidas desejadas por Comboni (E 2271). Os missionários são as riquezas daquela única paixão pela missão de Comboni (E 6987). Profunda e genuína é a atenção de Comboni para com os candidatos. Comboni é exigente porque a missão exige o impossível e pede sacrifício por vezes até à morte (E 6656).

44.1 Na avaliação da formação, desde a promoção vocacional até ao ano do serviço missionário, queremos insistir numa séria selecção, longe de qualquer tipo de bonismo. Como Comboni, temos de ser exigentes no estilo de via austero, próximo das gentes, das realidades missionárias. Temos também de nutrir os nossos candidatos com uma boa espiritualidade missionária comboniana.

44.2 Foi nossa preocupação, no esforço da escolha dos formadores, criar equipas interculturais e intercontinentais. Procurámos dar aos formadores todas as possibilidades de actualização e FP. Cuidámos que o sistema formativo respondesse às exigências dos candidatos, a maior parte dos quais chega do continente africano e americano.

44.3 Tal como foi pedido no Guia para a actuação CG '03 (3.2.1), pelo que respeita o sistema formativo, o CG empenhou-se em:

- Continuar a avaliação sobre “Missão e fases formativas” (DC '03, 64.1).
- Promover experiências novas e formas alternativas de formação, mais inseridas na vida de missão, sobretudo para escolásticos/CIF (DC '03, 64.3).
- Programar experiências concretas de vida missionária e entre os pobres (DC '03, 64.2).

- Promover a formação na preparação dos formadores para os postulatos e dos promotores vocacionais (DC '03, 65).
- Organizar cursos de FP para todos os formadores.
- Acompanhar com atenção a formação dos irmãos no CIF.

O caminho, contudo, é ainda longo e íngreme, mas faremos todos os esforços para cultivar do melhor modo as vocações que Deus nos manda. Recordamos também que os nossos candidatos respiram aquilo que se vive nas províncias e no Instituto. Mediocridade cria mediocridade, combonialidade cria combonialidade.

44.4 A ausência das vocações no nosso Instituto, como acontece em todo o mundo ocidental, é já um dado de facto que deve interrogar-nos e desafiar-nos profundamente. Não basta constatá-lo e contorná-lo concluindo que é assim para todos. Não se trata, de facto, só de uma crise quantitativa ou puramente estatística, consequência dos tempos que vivemos. Esta situação deve levar-nos a reflectir e a avaliar seriamente. Interrogar-nos sobre a qualidade espiritual e comboniana da programação em curso, na realidade dos vários sectores da vida do Instituto, seria certamente o dado mais significativo do Capítulo.

Animação missionária

45. Um grande missionário, P. Enrico Farè dizia que *“a animação missionária é o oxigénio da nossa formação, vocação e missão”*. Foi, de facto, um grande animador que soube contagiar e conquistar muitos de nós. Antes dele, o P. Giuseppe Beduschi (†1924) e o P. Angelo Abbà (†1952), em tempos e modalidades diferentes, souberam comunicar o melhor do carisma comboniano na AM. É certo que o testemunho de missionários entusiastas, serenos, identificados e com uma rica experiência de missão, é a força mais eficaz para animar missionariamente as pessoas, a Igreja e o próprio Instituto. A Regra de Vida (72-76) fala-nos da importância de transformar a nossa paixão pela missão em diaconia e amor pela Igreja. Uma animação missionária medíocre e superficial revela falta de fascínio e paixão pela missão, pelo Instituto e também pela própria vocação.

45.1 No campo da AM notámos também um grande desejo de renovar a nossa metodologia. O caminho é ainda longo. Pensamos que seja necessário continuar a renovar a nossa criatividade e actualizar-nos sobre o uso dos mass-media e de todas as novas oportunidades tecnológicas disponíveis.

Seguindo o exemplo de São Daniel Comboni, além disso, a AM deve levar-nos a *“atitudes proféticas de anúncio e de denúncia”* e sobretudo *“à animação do Povo de Deus, a fim de que este reconheça as suas responsabilidades missionárias e se empenhe no anúncio do Evangelho ao mundo inteiro”* (RV 72).

45.2 Os objectivos propostos na programação eram diversos e importantes, como importante e vital é a AM. Na Direcção Geral sofremos por várias mudanças no secretariado geral.

O secretariado agora retomou o seu caminho normal. A nível de províncias e continentes, contudo, continuou-se a trabalhar com boa vontade.

São válidos os objectivos propostos pela programação e recordamo-los de novo porque temos de continuar a trabalhar neles com determinação (Actuação CG '03, 5.1):

- Especializar pessoal no campo dos mass-media (DC '03, 129.2).
- Favorecer cursos a nível continental para a adequada preparação e a formação dos animadores (DC '03, 129).
- Elaborar planos concretos para a difusão das revistas (DC '03, 129.3).
- Colaborar no intercâmbio de material entre as várias revistas (DC '03, 129.4).

Comunhão de bens

46. Continuámos a nossa reflexão sobre a economia e a missão. Não haverá uma missão de fidelidade sem uma economia justa e transparente. Caminhamos para o “fundo comum” (DC '03, 102) entre dificuldades, resistências e incertezas com o único desejo de continuar a transformar a nossa economia em missão, e missão levada por diante juntos. Seguindo a Regra de Vida, recordamos que o amor à missão e ao Instituto se demonstra no partilhar aquilo que somos e aquilo que temos.

46.1 Outros objectivos a atingir e sobre os quais nos empenhámos (Actuação CG '03, 5.3.1) são:

- Aprofundar a compreensão do Património Estável para realizá-lo quer a nível de Instituto quer a nível de províncias/delegações (DC '03, 127).
- Confirmar a opção pela auto-limitação dos bens económicos (DC '03, 103).
- Inserir no Código de Conduta as normas necessárias para a transparência e a eticidade na gestão económica (cf. 102.5).
- Preparar o pessoal para favorecer a rotação equilibrada dos ecónomos (DC '03, 104). Sobre este último ponto, não obstante o empenho, não fomos felizes.

Governo do Instituto

47. Sobre o serviço da autoridade o Capítulo Geral de '97 tinha afirmado: “*As desvantagens de uma estrutura altamente centralizada no nosso Instituto, as dificuldades em programar a rotação do pessoal, a crescente consciência da necessidade de contextualizar problemas e soluções a nível quer provincial quer continental, revelam oportuno um estudo mais aprofundado e – se necessário – uma revisão da organização estrutural e das modalidades de coordenação no Instituto*” (DC '97, 166).

47.1 Desde há 12 anos a reflexão sobre o governo do Instituto continua (cf. DC '03, 137-141). Neste mandato, uma segunda comissão trabalhou para nos apresentar alternativas sobre o governo do Instituto. Houve reflexões a nível continental com o sincero intento de colaboração e recíproca ajuda no coordenar o Instituto.

47.2 É também verdade que mudar o sistema de governo não chega. Como diz o provérbio: “Não é o mudar de leito que cura o doente”. Enquanto examinamos o sistema alternativo de governo, somos chamados a permanecer no caminho de renovação e conversão pessoal e comunitária. Para favorecer a liderança a todos os níveis, temos de crescer todos no sentido de obediência e pertença ao Instituto e à missão vivida juntos. Uma espiritualidade mais profunda facilitará o serviço de quem nos guia.

47.3 Sempre a nível continente, iniciou a reflexão para poder unir e incorporar províncias/delegações e para cooperar em várias actividades e sectores.

47.4 Quanto à erecção a delegação da Polónia e a província da DCA (Actuação CG '03, 6.3) a decisão foi adiada. Quisemos fazer um caminho com DCA e Polónia para reforçar o pessoal e preparar a passagem. Os tempos estão maduros, as dificuldades foram ultrapassadas, as duas circunscrições reforçaram-se e tudo está pronto para concretizar a decisão do precedente Capítulo Geral.

47.5 Além disso, o CG iniciou um processo de revisão da metodologia de preparação e desenvolvimento dos Capítulos Gerais (Actuação'03, 6.2.2), nomeando uma comissão para a revisão e a actualização do estatuto próprio dos Capítulos Gerais.

C – ASPECTOS DE EMPENHO MISSIONÁRIO

“Volto de Moçambique cansado, ferido, zangado:
mas agradeço a Deus que me permitiu viver
na minha carne um pouco do enorme
sofrimento daquele povo”
(P. Cornelio Prandina)

Partilhar a sorte

48. Desde os tempos de Comboni até hoje as situações não melhoraram: novas e piores escravaturas estão a surgir, excluindo os seres humanos mais fracos e tornando impossível a sua sobrevivência. Comboni chama-nos a individuar estas escravaturas, permanecendo presentes em cada actividade de justiça e paz em total solidariedade, partilhando a sorte com as vítimas e os crucificados do nosso tempo. Como já constatado, temos tantos exemplos de doação incondicional, mas o nosso “partilhar a sorte”, o nosso empenho pela justiça e a paz e pela integridade da Criação tem necessidade de ser libertado de um estilo de vida que está em discrepância com estes valores do Reino que nos impelem em direcção aos mais pobres e abandonados.

África em diáspora

49. Uma palavra sobre o mundo africano sem esquecer os outros mundos em que trabalhamos. Os Documentos Capitulares de 2003 sublinham a ligação estreita e especial da missão comboniana com a África confirmando ainda a África como escolha preferencial mesmo se não exclusiva (cf. DC '03, 37 e 39). A exemplo de Comboni, o mundo africano continua a ter a preferência dos combonianos. Hoje mais do que nunca, somos chamados a dirigir-nos não só à África geográfica mas a todo o mundo africano, onde quer que se encontre. Em muitas partes, o mundo africano bateu às nossas portas. Só em Itália, os africanos representam 3% da população e, no Veneto, 4%. Se recordamos o exemplo de Comboni, todas as nossas comunidades se deveriam tornar “estações missionárias” atentas e solícitas em encontrar e acompanhar o mundo da imigração.

Exemplos como o do P. Bresciani permanecem um sinal que deve ser seguido e aperfeiçoado e, sobretudo, completado para chegar ao centro da nossa vocação: anunciar o Evangelho.

Podemos cair no jogo estranho de amar a África quando se está em África e olhar com certa indiferença a África que chegou à Europa.

Justiça e paz

50. Comboni ensinou-nos o empenho evangélico na luta contra a injustiça. Ele lutou com todos os meios contra a chaga da escravatura (cf. E 554 e 3344-55), contra todo o tipo de exploração dos seres humanos e contra o comércio das armas (cf. E 3349). A sua acção era questão de justiça e de genuína caridade cristã.

50.1 Seguindo as pegadas do Fundador, os combonianos dedicaram-se a aliviar os sofrimentos de pobres, doentes, marginalizados, refugiados e perseguidos. O evangelho ensina-nos que calar perante as injustiças significa alinhar-se com o opressor e contra os oprimidos. Mesmo se não faltaram os esforços, temos de continuar a envolver-nos mais na causa de quem sofre.

50.2 Sobre Justiça e Paz (Actuação CG '03, 2.1) aderimos a *Vivat International*, uma ONG apoiada por vários Institutos missionários, que exerce *advocacy e lobbying* nas Nações Unidas a favor dos excluídos; colaborámos com outros Institutos Missionários em *AEFJN* (Africa & Europe, Faith & Justice Network) no espaço do Parlamento Europeu; participámos na iniciativa ONG Group Tavola di Roma que a Secretaria de Estado do Vaticano está a organizar como plataforma de todas as ONG de inspiração evangélica.

Pelo contrário, ficamos para trás no:

- Colaborar com os continentes para elaborar um plano continental com o fim de fixar prioridades, metodologias e meios (DC '03, 48.2).
- Elaborar um plano de FP para educar à JPIC (DC '03, 47.2).

Este Capítulo deve renovar o nosso empenho para que “justiça e paz sejam sempre mais parte constitutiva da pregação do Evangelho” (cf. Ecclesia in Africa '95, 69 e 107).

Islão

51. O desafio do Islão está sempre presente nas missões em todas as partes do mundo, mas em particular nos países africanos. As nossas províncias de África, ainda que em medida diferente, devem de facto confrontar-se todas com um forte crescimento da presença do Islão. Por toda a parte, o Islão se afirma com o perigo de uma desestabilização a todos os níveis: religioso, político e cultural, chegando em alguns países à perseguição, ao terrorismo e à guerra.

51.1 Seguindo a orientação do Capítulo para a formação competente e uma conhecimento profundo do Islão (Actuação'03, 2.3.5), empenhámo-nos em:

- Destinar confrades para o estudo do árabe e do Islão.
- Colaborar com o PISAI de Roma e apoiar as actividades do Dar Comboni.
- Continuar a escolha preferencial pelos países com forte presença islâmica e tradicionalmente comboniana (ex. Sudão – Cartum).

Temos de continuar no nosso empenho para favorecer e aperfeiçoar, no continente africano, o grupo de reflexão sobre o Islão “*com a ajuda de especialistas e em colaboração com outros Institutos*”.

51.2 Nos últimos Capítulos fomos convidados a dar uma resposta favorecendo a preparação de confrades para o mundo islâmico. Para responder a este desafio e realidade fizemos o nosso melhor, mas seguramente temos de continuar e aumentar os nossos esforços.

Igrejas locais

52. A nossa colaboração total com a Igreja local qualifica o nosso fazer missão. Não obstante alguns resíduos de protagonismo e personalismo, estamos no bom caminho para dar sempre o lugar privilegiado à Igreja local. E falando da Igreja local, não devemos negar que estamos sempre na situação de criar *armadilhas* perigosas: a armadilha para o clero local que herda estruturas que não poderá manter; a armadilha para os Bispos que vêm sobre os ombros o peso económico de uma diocese que devora capitais; a armadilha para os cristãos que fazem a comparação entre o tempo dos brancos e o dos sacerdotes locais. E a armadilha para nós, que não vemos continuidade, enquanto decaí tudo aquilo que construímos.

CONCLUSÃO

“Estou feliz por voltar ao Uganda.
Contudo sempre vivi em missão”
(P. Paolo Serra)

Esperar e agradecer

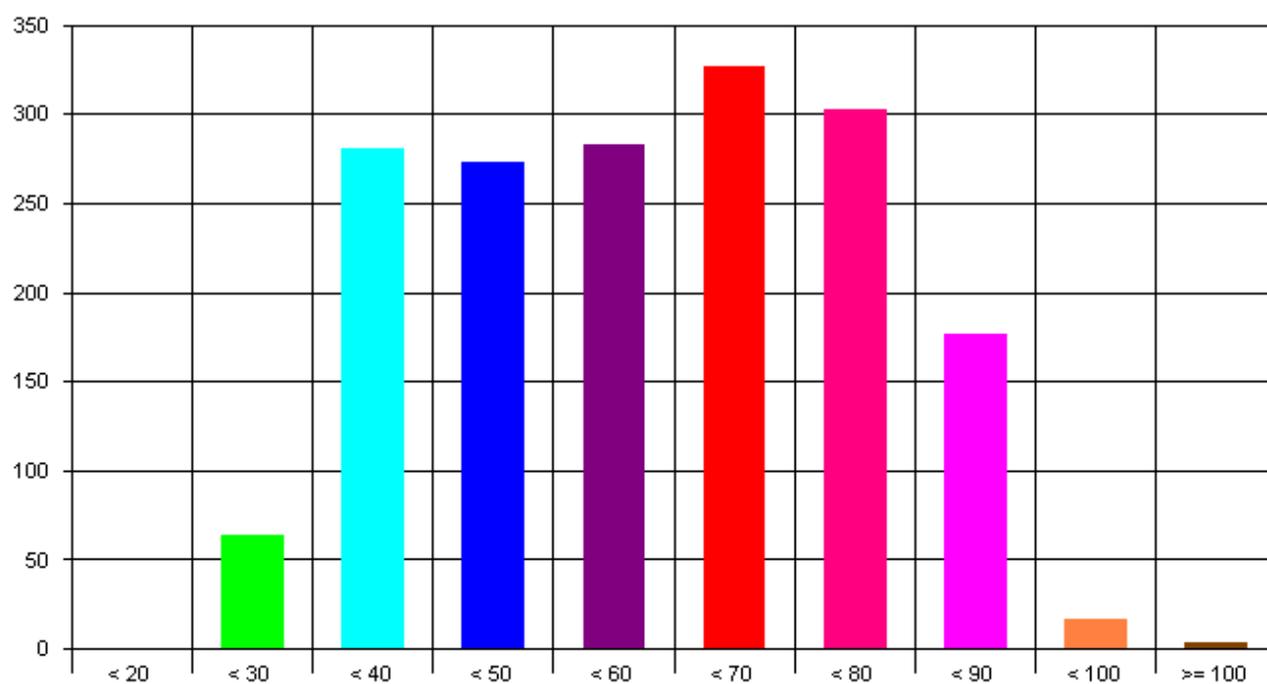
53. Todos os Institutos vivem uma hora pascal, um momento *diminutio* e também de expectativa. Esta, porém, não é uma hora de decadência espiritual: é uma hora de pobreza e a pobreza é uma virtude pascal. Poderemos usar para a nossa vida aquelas palavras de Isaías (6, 13) onde o Senhor promete que mesmo se o carvalho cair, restará um cepo, aquele cepo que é capaz de produzir um rebento novo e santo. Esta é a grande esperança com que devemos viver a vida religiosa e missionária hoje. E quando tivermos feito tudo o que devíamos fazer, agradeçamos a Deus reconhecendo-nos servos seus. O importante é “*não pôr obstáculos a Deus*” (E 6561).

Roma, 31 de Maio de 2009
Domingo de Pentecostes

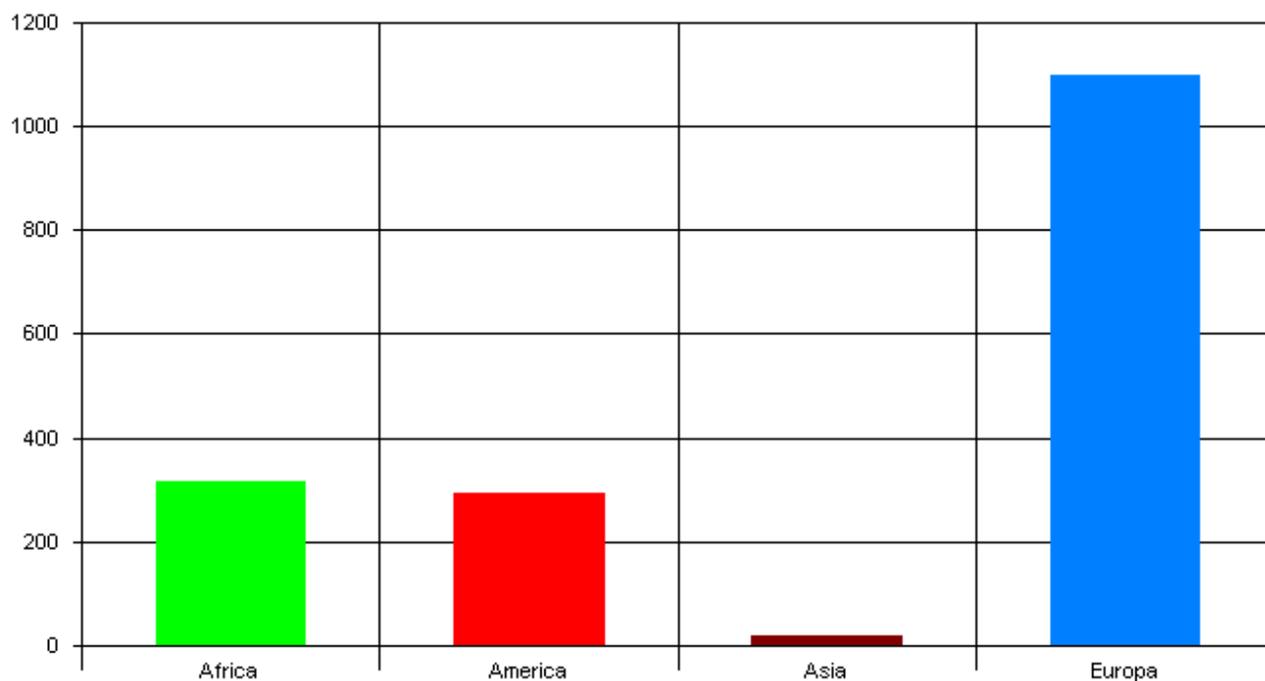
P. Teresino Serra,
Superior General
P. Fabio Carlo Baldan,
Vigário geral
P. Odelir José Magri,
assistente geral
P. Tesfamariam Ghebrecriostos W.,
assistente geral
Ir. Umberto Martinuzzo,
assistente geral

Comboniani per età al 1.1.2009

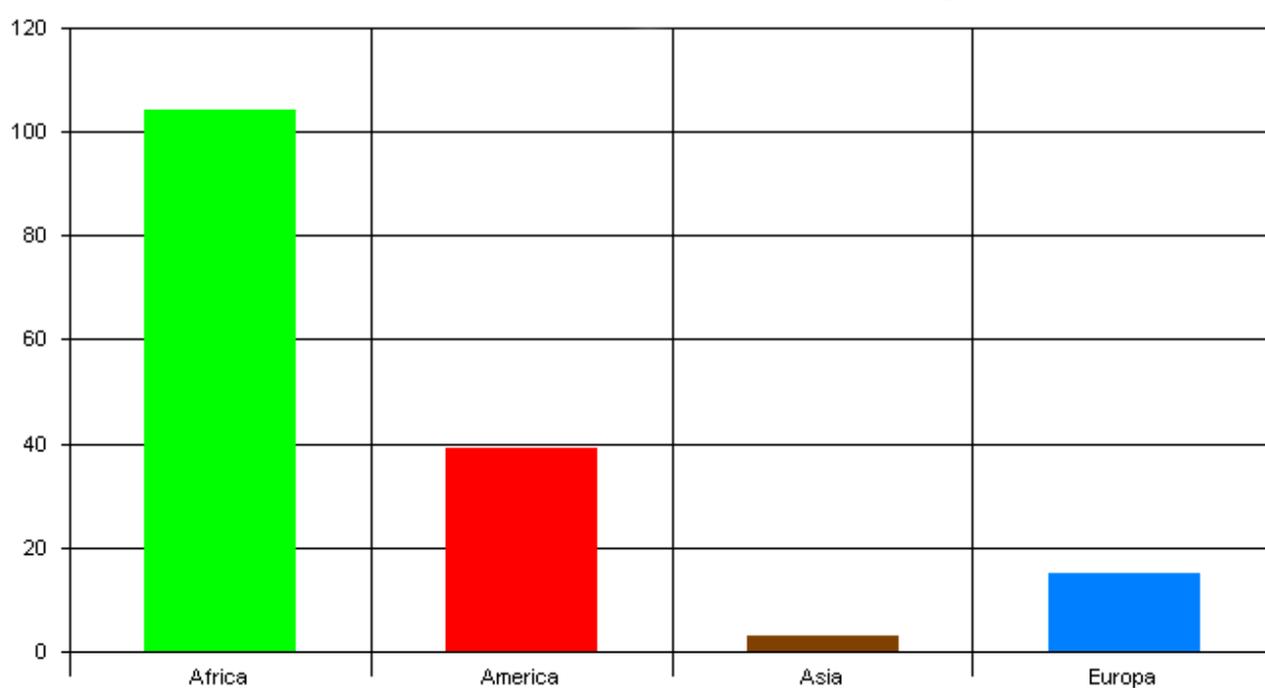
Età media: 58,1



Comboniani per Continente di origine - al 1.1.2009



Scolastici Comboniani per Continente di Origine al 1.1.2009



Comboniani per circoscrizione al 1.1.2009

